

CLÁUSULAS RELATIVAS: UM CASO DE INTERFACE ENTRE SINTAXE E PROSÓDIA

Elenice Santos de Assis Costa de Souza¹

eleniceassis@ig.com.br

RESUMO: Segundo a tradição, as orações adjetivas explicativas caracterizam-se pelo uso da pausa na fala e da vírgula na escrita; já as restritivas caracterizam-se pela ausência dessas marcas nas duas modalidades. Partindo-se do pressuposto de que os níveis sintático e prosódico são complementares, investigou-se o papel da pausa e da F0 na distinção dessas orações, doravante denominadas relativas não-restritivas e restritivas, respectivamente. Foram avaliadas, de um lado, a percepção dos ouvintes por meio de testes de interpretação; e, por outro, a produção, a partir de dados coletados de fala semiespontânea. Para a realização dos testes, organizou-se um *corpus* controlado a partir de um enunciado com as duas possibilidades de interpretação, que, por ressíntese, originou mais vinte e três variantes. Para a análise da produção, coletaram-se sessenta e seis dados de duas entrevistas radiofônicas. Por meio do programa Praat, foram aferidos os valores da F0 e das pausas na fronteira sintática entre a cláusula matriz e a relativa. Ao contrário do que diz tradicionalmente boa parte da literatura, não foi a pausa que se revelou decisiva para a distinção dos dois tipos de relativas, e sim a entoação. O grau menor de subordinação da não-restritiva à sua matriz, que se dá por hipotaxe, manifesta-se, em termos prosódicos, por uma ruptura na cadeia da fala configurada por um tom de fronteira. Já a relativa restritiva e sua matriz formam um todo melódico expressando, em termos prosódicos, o grau maior de vinculação sintática, que ocorre por encaixamento.

PALAVRAS-CHAVE: cláusulas relativas; interface; prosódia; sintaxe.

INTRODUÇÃO

As construções aqui denominadas cláusulas relativas correspondem às orações subordinadas adjetivas da tradição gramatical, que as subclassifica em restritivas e explicativas. As primeiras são definidas por Cunha e Cintra (1985: 588) como as que “(...) restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase (...)”. Já as explicativas são concebidas como as que “(...) acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ.

melhor a sua significação, à semelhança de um aposto. Mas, por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido essencial da frase” (*Idem*, 589).

Ainda no âmbito da tradição gramatical, as orações subordinadas adjetivas explicativas são caracterizadas pelo uso da(s) vírgula(s) na escrita e, paralelamente, da(s) pausa(s) na fala. Já as restritivas são identificadas pela ausência dessas marcas na escrita e na fala respectivamente.

Muito se tem falado sobre o papel da pausa na interpretação das cláusulas relativas, fazendo-se menções à sua relevância para a distinção dos dois tipos de orações. No entanto, entre os gramáticos consultados², só Bechara (1975: 195) faz alusão à importância da entoação, que ele denomina de “suspensiva ou pausal”, típica das explicativas. Também outros estudos, situados dentro de outros quadros teóricos, aludem ao papel da entoação – como Llorach (1984), Le Goffic (1979), Halliday (1985), Lehmann (1988).

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 AS RELATIVAS NO ÂMBITO DA CLÁUSULA E DO TEXTO

Na perspectiva funcionalista, as diferentes formas de conexão de cláusulas não são concebidas como mecanismos discretos. Lehmann (1988) estabelece um contínuo oracional que vai da parataxe (coordenação de cláusulas), no polo esquerdo, à subordinação, no polo direito, considerando a hipotaxe e o encaixamento diferentes graus de subordinação. A diferença entre hipotaxe e encaixamento é concebida em função do tipo de sintagma subordinado, no caso da hipotaxe, e em função do tipo da relação de subordinação, no caso do encaixamento. Assim, a hipotaxe é a subordinação entre cláusulas propriamente ditas, e o encaixamento é a dependência de um sintagma subordinado a outro. Para haver encaixamento, é preciso haver dessentencialização em algum grau. Sob essa ótica, as restritivas são consideradas encaixadas, e as não-restritivas são consideradas hipotáticas.

Nosso objeto de estudo é a cláusula relativa finita – concebida como a construção que se subordina a um sintagma nominal (doravante chamado “SN”), denominado antecedente, por meio de um pronome relativo, com o qual estabelece uma relação de predicação. O SN antecedente pode ser constituído, no mínimo, por um nome, por um pronome ou por uma categoria lexicalmente vazia. As relativas podem ser, em princípio, restritivas – aquelas cujas

² Cunha (1982), Cunha e Cintra (1985), Luft (1985) e Rocha Lima (1982).

SNs antecedentes, nominais ou pronominais, apresentam grau mínimo de definição e necessitam, por isso, de especificação – ou não-restritivas – aquelas que não contribuem para a delimitação do SN antecedente, pois este já apresenta grau máximo de definição, mas podem, a depender das condições de produção do texto, auxiliar o interlocutor a identificar o referente codificado por esse SN.

Souza (2009), com base em Prince (1992) e Liberato (2001), postula que o grau de definição do SN antecedente tem um papel decisivo na interpretação das relativas. Quando esse SN apresenta o grau máximo de definição, a cláusula relativa terá valor não-restritivo; quando esse SN apresenta o grau mínimo de definição, a cláusula relativa terá valor restritivo. Assim, no gradiente de definição do SN antecedente, os casos situados nos dois extremos determinam gramaticalmente o tipo de relativa a ser empregado. Já no que se refere aos graus intermediários (alto, médio e baixo), o emprego dessas cláusulas será conduzido por uma intrincada relação entre antecedente, relativa, locutor, interlocutor, texto e contexto de situação. Em outras palavras, quando o SN antecedente apresenta um grau intermediário de definição, o tipo de relativa a ser empregado não é determinado gramaticalmente, e sim por fatores textual-discursivos. Nesse caso, a informatividade desempenha papel fundamental, e a interpretação das relativas depende de outras variáveis – não formais – como, por exemplo, intencionalidade, conhecimento partilhado de mundo, relações do discurso. Nesse interstício, entram em jogo relativas não prototípicas, que se situam entre os polos da restrição e da não-restrição prototípicas. O quadro a seguir nos ajuda a compreender melhor a correlação entre a configuração do SN antecedente, o seu grau de definição e a tipologia das cláusulas relativas, proposta por Souza (2009) com base no *corpus* analisado pela autora.

GRAU DE DEFINIÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO SN ANTECEDENTE	TIPO DE CLÁUSULA RELATIVA
<p>Máximo</p> <p>N [próprio]</p> <p>N [comum] + SPrep [com N próprio]</p> <p>Pro [pessoal]</p>	<p>Não-restritiva prototípica</p>
<p>Alto</p> <p>Poss + N</p> <p>Dem + N + (SAdj)</p> <p>Dem + N + (SAdj) + SPrep</p>	<p>Não-restritiva prototípica</p> <p>Não-restritiva não-prototípica</p> <p>Restritiva prototípica</p>

<p>Médio</p> <p>(Art Def) + N + SAdj (Art Def) + N + SPrep (Art Ind) + N + SAdj (Art Ind) + N + SPrep</p>	<p>Não-restritiva prototípica</p> <p>Restritiva prototípica</p> <p>Restritiva não-prototípica</p>
<p>Baixo</p> <p>N Ind + N Art Def + N Art Ind + N Quant + (Art) + N</p>	<p>Não-restritiva prototípica</p> <p>Não-restritiva não-prototípica</p> <p>Restritiva prototípica</p> <p>Restritiva não-prototípica</p>
<p>Mínimo</p> <p>Ind Dem N [genérico]</p>	<p>Restritiva prototípica</p>

Quadro 1: Correlação entre grau de definição, constituição do SN antecedente e tipos de relativas³

Além do grau de definição do SN antecedente, a interpretação das relativas está correlacionada a uma outra variável: o *status* informacional. Este foi investigado de acordo com Prince (1992), que trabalhou com as categorias Velho e Novo em duas perspectivas distintas: a do ouvinte e a do discurso.

O ponto de vista do ouvinte é, na realidade, concebido a partir de uma pressuposição do falante sobre o conhecimento do ouvinte a respeito do referente em questão, que pode ser interpretado, então, como uma informação: a) Velha-para-o-ouvinte → entidade que o falante presume ser conhecida pelo ouvinte; b) Nova-para-o-ouvinte → entidade que o falante presume não ser conhecida pelo ouvinte.

Já na perspectiva do discurso, ou seja, da organização do fluxo de informação na superfície textual, as informações são classificadas como: a) Velha-no-discurso → entidade que já foi mencionada no discurso; b) Nova-no-discurso → entidade que não foi mencionada previamente no discurso; c) Inferível → entidade dedutível pelo ouvinte a partir de uma entidade Velha no discurso.

³ Legenda: N = nome; Pro = pronome; SPrep = sintagma preposicionado; Pro = pronome pessoal; Poss = pronome possessivo; Dem = pronome demonstrativo; SAdj = sintagma adjetivo; Art Def = artigo definido; Art Ind = artigo indefinido; Ind = pronome indefinido; Quant = quantificador.

Cabe ressaltar que não trataremos, aqui, das relativas cujo SN antecedente não está inserido em outra cláusula, pois, nesse caso, evidentemente, não há fronteira entre matriz e subordinada⁴. Também não trataremos das relativas cujo SN antecedente funciona como sujeito em posição inicial, tema ou tópico⁵ uma vez que, nesses casos, a posição da relativa na cláusula complexa (“intercalada” à matriz), exigida pela localização desse tipo de SN antecedente, imprime-lhe uma configuração prosódica um pouco diferenciada⁶.

1.2 RELATIVAS E PROSÓDIA

Faz-se necessário esclarecer em que sentido alguns termos estão sendo empregados neste artigo. A *entoação* é entendida como um fenômeno acústico, suprasegmental, que, do ponto de vista da percepção, é reconhecida como altura melódica (ou *pitch*), e, do ponto de vista linguístico, é entendida como tom. Seu componente principal é a *frequência fundamental* (F0), medida em Hertz (Hz), os demais componentes são a intensidade e a duração.

A pausa, medida em segundos ou milissegundos, pode ser silenciosa ou preenchida. A primeira caracteriza-se pela ausência de articulação; a segunda pode realizar-se na forma de repetição, hesitação, murmúrio etc. Tanto a pausa silenciosa quanto a preenchida pode ser intencional ou não intencional. No caso de ser intencional, ela desempenhará uma função, gramatical e/ou discursiva. Quando não é intencional, está diretamente relacionada aos aspectos de processamento da fala como, por exemplo, possíveis falhas do locutor ou necessidade de respiração.

Em virtude de a intensidade ser mais relevante para a constituição do acento vocálico, não levamos em consideração esse parâmetro acústico visto que nosso foco é a conexão entre as cláusulas relativa e matriz. Embora as correlações entre os parâmetros acústicos sejam muito complexas, dentro dos limites do presente estudo, trabalhamos apenas

⁴ Como ocorre em exemplos do tipo: *Entre eles, o PSDB, que mesmo se anunciando como oposição a partir de janeiro, participou da unanimidade que aprovou a emenda ao parecer do relator-geral do orçamento* (cf. Souza, 2009: 172).

⁵ De acordo com Halliday (1994), *tópico* é um tipo específico de tema, pois é tema e informação dada simultaneamente.

⁶ Como ocorre em exemplos do tipo: *eu já fui diretora do sindicato e (a) primeira vez que existiu um departamento de educação e cultura eu fui a primeira diretora desse departamento...* Entre o final da relativa e a continuação da matriz, haveria uma ruptura semelhante àquela que pode ocorrer entre Sujeito e Predicado, entre Tema e Rema ou entre Tópico e Comentário. Contudo essa hipótese merece uma investigação mais acurada. Por ora, vamos nos debruçar sobre os demais casos de relativas (cf. Souza, 2009: 196).

com a entoação, caracterizada pela frequência fundamental (F0), e com a pausa (silenciosa ou preenchida), medida em segundos.

No âmbito dos estudos prosódicos, tem-se atribuído à entoação várias funções, que, segundo Prieto (2003), poderiam se resumir basicamente a três: a expressiva, a focalizadora e a demarcativa. Lehmann (1988: 192), ao estabelecer critérios para descrever os mecanismos de ligação de cláusulas, ressalta o papel que a entoação assume nesse processo afirmando que uma cláusula pode ser rebaixada pelo tom e integrar-se a uma outra, o que caracteriza a ausência de segmentação entre elas. Partindo do princípio, no âmbito sintático, de que as relativas restritivas são encaixadas em um SN da matriz e apresentam, portanto, um grau maior de subordinação, e de que as não-restritivas vinculam-se a um SN da matriz em um grau menor de subordinação, por hipotaxe, associamos o pressuposto prosódico ao sintático. Assim, nossa hipótese é a de que não haveria nenhum índice de segmentação na fronteira sintática entre a restritiva e a matriz, ao passo que entre esta e a não-restritiva haveria uma marca prosódica de segmentação.

Acreditamos que o principal índice de segmentação seria um tom ascendente antes da fronteira sintática entre a relativa não-restritiva e sua matriz (a “entoação suspensiva” de que trata Bechara, 1975). A pausa atuaria como um índice redundante, uma espécie de reforço dessa ruptura. Já as restritivas, formariam um todo melódico com sua respectiva matriz, em decorrência do encaixamento, não havendo, portanto, tom de juntura na fronteira sintática entre essas duas cláusulas.

O fato de muitos autores afirmarem que a presença de pausa(s) caracteriza as relativas não-restritivas é compreensível se levarmos em conta que boa parte dos estudos não tem base instrumental, guiando-se só pela percepção. Entretanto, ocorre que nossa percepção auditiva pode nos levar a crer que o falante produziu uma pausa, na acepção de silêncio, quando, na realidade, a ruptura é consequência de uma mudança de tom.

Além disso, nem sempre as pausas correspondem a silêncios, ou seja, à ausência de articulação de sons. Muitas vezes elas são preenchidas, isto é, ocorre articulação de sons que podem corresponder, por exemplo, a hesitações ou preenchedores discursivos, como *né, tá* etc., que podem ocupar essas fronteiras e funcionar também como índices de segmentação.

De acordo com Moraes (s/d), a medida da F0 pode ser realizada considerando-se: a) o meio da vogal ou da sílaba; b) o ponto máximo de sua elevação; c) seu valor máximo ou mínimo na vogal ou sílaba; ou ainda d) a média dos seus valores na extensão da vogal ou da sílaba. Como o autor afirma que as diferenças entre os quatro métodos “são pequenas se não

há modulações melódicas intra-silábicas importantes” (*Idem*), optamos pela medição da F0 no seu valor máximo na vogal ou na sílaba pertinente.

Assim, a frequência fundamental foi medida na(s) sílaba(s) do vocábulo precedente ao pronome relativo, na(s) sílaba(s) do próprio pronome relativo e na(s) sílaba(s) da palavra subsequente a este. A aferição foi realizada com o auxílio do programa computacional Praat, desenvolvido por Paul Boersm e David Weenink, da Universidade de Amsterdam.

Passando do nível fonético ao fonológico, o sistema de notação utilizado situa-se no âmbito da chamada Fonologia Métrica e Auto-Segmental e tem origem na tese de doutorado de Pierrehumbert, que analisou a entoação do inglês, de acordo com Prieto (2003). Essa proposta tem sido reformulada e adaptada para a descrição entonacional de diversas línguas e usada por estudiosos de diversas correntes teóricas. Nessa perspectiva, a letra L representa o tom baixo (“low”), e H, o tom alto (“high”). O asterisco que se segue ao símbolo do tom significa o alinhamento deste com a sílaba acentuada do vocábulo que se encontra naquela posição específica da cadeia da fala. O símbolo %, associado a H ou a L, representa um tom de fronteira, ou seja, indica que naquele determinado ponto da cadeia há uma ruptura, um limite entre dois constituintes prosódicos, que pode coincidir com uma segmentação sintática indicando, por exemplo, o término de uma cláusula e o início de outra. Quanto à variável duração, só registramos seus valores no que diz respeito à pausa (preenchida ou não) na fronteira entre a cláusula relativa e sua matriz.

Como este é um estudo de interface, nosso foco é a função demarcativa desempenhada pela prosódia correlacionada à sintaxe e à semântica no âmbito do enunciado que contém a cláusula relativa finita. Essa relação entre a sintaxe e a prosódia pode ser vista de diferentes perspectivas. Adotamos, aqui, o pressuposto de que há uma relativa autonomia da sintaxe e da prosódia, sem, no entanto, deixar de admitir mútua influência entre esses dois domínios. Como os constituintes fonológicos e sintáticos são regidos por princípios distintos, nem sempre a segmentação sintática coincide com a fonológica. Mas a segmentação fonológica não é completamente independente da organização sintática.

Segundo Bisol (1999), há, no módulo fonológico, sete níveis que compõem sua hierarquia. Do mais elevado ao mais baixo, temos: o enunciado, a frase entonacional, a frase fonológica, o grupo clítico, a palavra fonológica, o pé e, por fim, a sílaba. Aqui nos deteremos no nível mais diretamente relacionado à frase entonacional, sem, contudo, perder de vista que, nessa perspectiva hierárquica, o membro que se encontra no nível superior é constituído de, pelo menos, um membro do nível imediatamente inferior. Por isso Bisol (1999: 239) concebe

a frase entonacional “como o conjunto de ϕ s [frases fonológicas] ou apenas um ϕ que porte um contorno de entoação identificável”.

Além desse contorno melódico, a autora se reporta à pausa para definir a frase entonacional: “A regra básica de formação de I [frase entonacional] fundamenta-se na noção de que a frase entonacional é o domínio de um contorno de entoação e que os fins de frases entonacionais coincidem com posições em que pausas podem ser introduzidas” (Nespor e Vogel, 1986: 188 *apud* Bisol, 1999: 239). Vários são os constituintes sintáticos que podem coincidir com a frase entonacional: uma cláusula (simples ou complexa), um vocativo, um aposto, por exemplo.

Moraes (2007, 2008), ao propor uma breve descrição do sistema entonacional do português brasileiro a partir de estudos experimentais com base em períodos simples, afirma que os constituintes prosódicos relevantes para o PB são a sentença fonológica (“enunciado” para Bisol, 1999), a frase entonacional (ou grupo tonal, nos termos de Halliday, 1985) e a frase fonológica, também chamada sintagma fonológico.

De acordo com Moraes (2007), no PB, sempre há um acento nuclear na posição final de uma frase entonacional (ou grupo tonal) se o foco da cláusula não estiver deslocado para outra posição. Os acentos nucleares constituem-se de dois fenômenos entonacionais: os acentos de tom (“pitch accents”) e os tons de fronteira (“boundary tones”). Os acentos de tom se alinham às sílabas tônicas acentuadas e são sempre bitonais, contendo um tom principal seguido de outro. O tom principal do acento de tom apoia-se na sílaba que precede imediatamente a última sílaba acentuada, e o segundo tom, que também o constitui, realiza-se sobre a última sílaba acentuada, fato que é representado com um asterisco depois do símbolo do tom (L*, H*). Os tons de fronteira, também chamados tons de juntura, em geral, associam-se à extremidade direita da frase entonacional (grupo tonal) e se apoiam na sílaba pós-tônica final ou na parte final da última sílaba acentuada se o vocábulo que está nessa posição é oxítono. Os tons de fronteira seriam apenas dois para o PB: L (“low”, baixo) e H (“high”, alto), sendo o primeiro indiscutivelmente o mais usado.

Ainda segundo o referido autor, os contrastes entonacionais no PB ocorrem principalmente na última sílaba acentuada e naquela que a precede, especialmente em posição final de frase entonacional (grupo tonal), constituindo o acento nuclear. Com base nesses pressupostos, Moraes (2007)⁷ propôs onze acentos de tom (“pitch accents”) para a descrição dos principais padrões entonacionais do PB com vistas às funções modais e expressivas da

⁷ Não indicamos as páginas das citações extraídas desse estudo, bem como de Moraes (2008), porque não tivemos acesso à versão publicada do texto, e sim à versão preliminar fornecida pelo autor.

entoação (declaração, pergunta, advertência, ironia etc.). Ele afirma que “(...) o contorno nuclear sozinho é responsável, na maioria dos casos, pelo estabelecimento do significado entonacional da sentença”⁸ (Moraes, 2007).

É importante lembrarmos que o tom principal se apoia na sílaba que antecede a última sílaba acentuada antes da ruptura, que o tom “secundário” realiza-se sobre a referida sílaba acentuada, e o tom de fronteira, sobre a sílaba que sucede a acentuada ou sobre a parte final da sílaba acentuada quando esta for a última. Por isso optamos por aferir a F0 no pronome relativo e nos vocábulos imediatamente antecedente e subsequente a ele.

Apesar deste estudo tratar da função demarcativa da entoação, a descrição dos acentos nucleares proposta por Moraes (2007, 2008) para o PB é, com certeza, um parâmetro a nos guiar considerando os aspectos prosódicos em questão. Assim, propomos um diagrama para representar a configuração do acento nuclear apresentada por Moraes (2007).

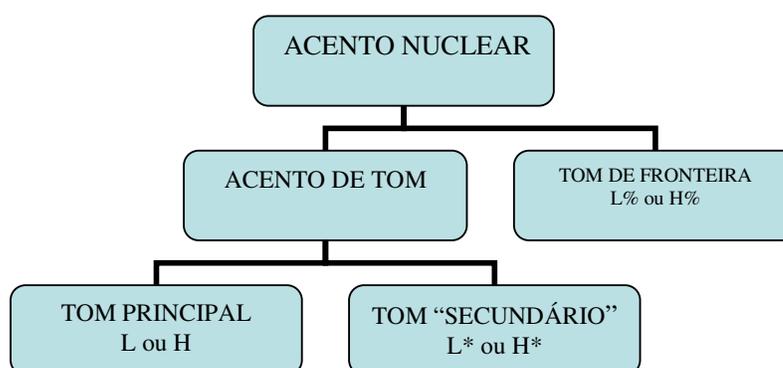


Figura 1: Configuração do acento nuclear

Como já foi dito, o que particularmente nos interessa é a presença ou ausência de um índice prosódico de segmentação entre a relativa e sua respectiva cláusula matriz, que pode se manifestar principalmente por meio da curva entonacional, da pausa (silenciosa ou preenchida), ou, ainda, da conjugação dos dois fatores. Essa(s) marca(s) de ruptura seria(m) característica(s) da relativa não-restritiva, enquanto na fronteira entre a restritiva e sua matriz

⁸ “(...) the nuclear contour alone is responsible, in the majority of cases, for the establishment of intonational meaning of the utterance.”

não haveria índice de segmentação, demonstrando-se, no nível prosódico, o encaixamento sintático.

Postulamos que a marca prosódica prototípica da relativa não-restritiva seria a presença de um tom de fronteira alto (H%) entre a subordinada e a matriz, assinalando o limite de uma frase entonacional, em termos prosódicos, e o limite entre duas cláusulas propriamente ditas, em termos sintáticos e semânticos, visto que a relativa não-restritiva conecta-se ao seu antecedente por meio da hipotaxe (de extensão ou de realce), caracterizando-se por uma relação de dependência, mas não de encaixamento (cf. Halliday, 1994). Esse índice prosódico pode ainda ser reforçado por outro – a pausa, silenciosa ou preenchida.

2. ANÁLISE DOS *CORPORA*

Para o desenvolvimento do presente estudo, foram avaliadas, de um lado, a percepção dos ouvintes por meio de testes de interpretação com informantes; e, por outro, a produção, a partir de dados coletados de fala semiespontânea.

2.1. ANÁLISE DO *CORPUS* CONTROLADO

A avaliação da percepção baseou-se em Souza (2007), que utilizou uma frase produzida por um falante nativo do português brasileiro em uma situação concreta de interação a fim de que a análise se aproximasse da língua em uso. Do inquérito 25 da Nova Amostra do Projeto NURC-RJ, foi coletada uma construção com cláusula relativa capaz de oferecer as duas possibilidades de interpretação: restritiva e não-restritiva. Posteriormente, esse dado foi digitalizado com os recursos do programa computacional Praat para que, em outra etapa, fossem produzidas, por meio de ressíntese⁹, as diversas “versões” que constituem o *corpus* controlado. Para isso, foram manipuladas a duração do segmento que antecede o morfema relativo (/S/ final do vocábulo “hotéis”)¹⁰, a pausa e a F0 na fronteira sintática entre a relativa e a matriz, resultando em vinte e três (23) variantes que, somadas ao enunciado

⁹ Entendemos por “ressíntese” o processo de alterações de parâmetros acústicos próprios da fala por meio de um programa computacional.

¹⁰ Não se prosseguiu à investigação do alongamento no *corpus* semiespontâneo porque, nos testes com o *corpus* controlado, essa variável não se mostrou relevante tendo em vista os índices percentuais relativos à interpretação conferida pelos juízes aos enunciados com e sem alongamento antes da fronteira sintática pertinente.

original, perfazem o total de vinte e quatro dados (24), submetidos a dezessete (17) juízes, que as ouviram e manifestaram suas interpretações a respeito da seguinte cadeia sintagmática:

(1) Veja-se o belíssimo calçadão desenhado por Burle Marx ocupado **diante dos hotéis que não construíram garagens** e que estão estragando o calçadão.

(25/NURC-RJ (90))

Todos os informantes (ou juízes) são falantes nativos do português do Brasil, com formação superior, completa ou incompleta. Eles foram orientados a ouvirem a gravação dos 24 (vinte e quatro) enunciados do *corpus* controlado e a assinalarem com um X suas respectivas interpretações no protocolo experimental¹¹. Neste, havia duas opções: a paráfrase correspondente ao sentido restritivo (“Alguns hotéis construíram garagens”) e a paráfrase correspondente ao sentido não-restritivo (“Nenhum dos hotéis construiu garagem”). A ordenação desses enunciados foi aleatória, e, quando os juízes solicitavam, eles eram reproduzidos novamente a fim de que assinalassem sua interpretação.

Os valores aferidos para a F0 e para a pausa referentes ao exemplo (1) encontram-se nas tabelas 1, 2 e 3 a seguir.

Segmentos	[δZI]	[ʊ ®]	[τZI]	[δY]	[ζo]	[ʊtEφΣ]	Pausa
Valores de F0 (Hz)	182	183	163	166	157	258	
Duração da pausa							0,52

Tabela 1: Valores da F0 e da duração da pausa da sequência *diante dos hotéis*

Segmentos	[κI]	[v ® ω®]	[κo® Σ]	[τPY]	[ʊt]	[Po®]	[γα]	[ʊPα]	[ZIΣ]
Valores de F0 (Hz)	257	271	212	198	166	153	211	274	261

Tabela 2: Valores da F0 da sequência *que não construíram garagens*

	FRONTEIRA SINTÁTICA
TOM DE FRONTEIRA	H%
ACENTO DE TOM	L + H*

Tabela 3: Notação fonológica do vocábulo *hotéis*

¹¹ O modelo do protocolo experimental encontra-se no Apêndice.

A fim de ilustrar a análise acústica desenvolvida, apresentamos alguns gráficos referentes aos enunciados. A primeira porção desses gráficos mostra o oscilograma, ou forma de ondas, representação gráfica de um dos efeitos acústicos produzidos pelos fones. A segunda porção mostra o contorno da F0 com suas modulações, um outro efeito acústico da fala. A interrupção da linha azul que representa a F0, no eixo horizontal, tem geralmente dois significados: a ocorrência de pausa silenciosa, ou seja, ausência de articulação, ou a articulação de sons surdos ou ensurdecidos pelo ambiente fônico no qual se encontram (consoantes surdas contíguas). Neste último caso, ficamos impossibilitados de verificar o valor da F0, o que dificulta a análise. A terceira porção do gráfico contém a transcrição grafemática do enunciado. Procuramos alinhar essa transcrição de forma aproximada ao sinal da F0 e ao oscilograma para facilitar a leitura do gráfico. E, na última parte, registramos a notação fonológica da curva melódica referente ao trecho em análise.

Cabe ressaltar que, em relação às variantes do enunciado que deu origem ao *corpus* controlado, limitar-nos-emos a comentar e ilustrar aqui apenas aquelas que se mostraram mais significativas. Vejamos, então, o gráfico correspondente ao exemplo (1).

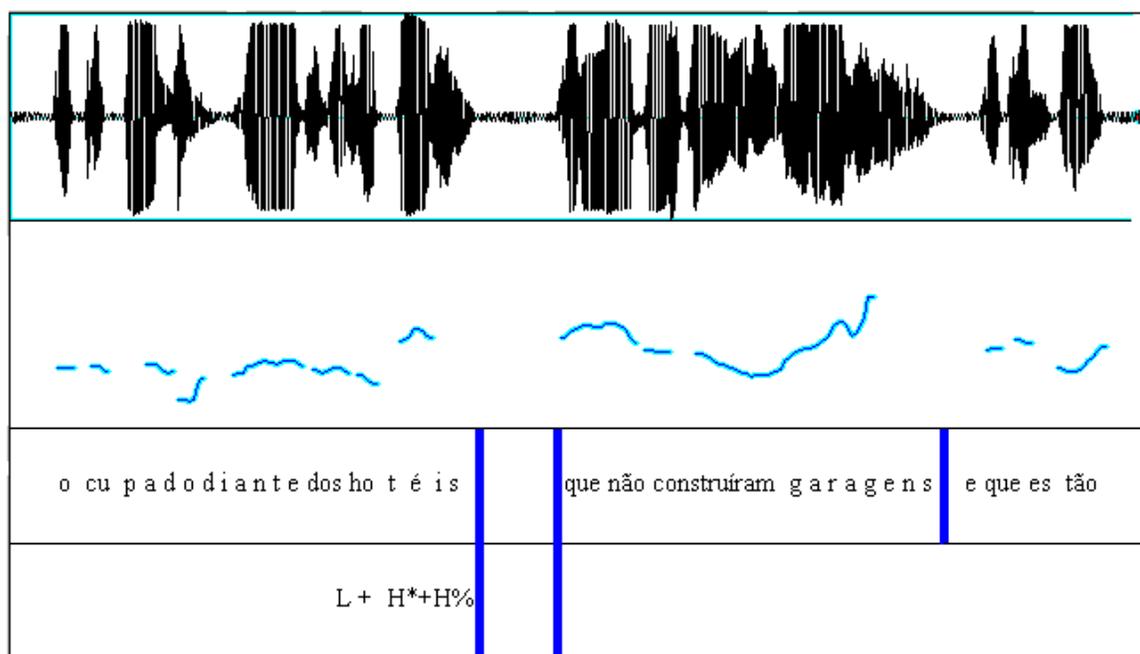


Figura 2: Oscilograma, curva melódica e transcrição grafemática da sequência *ocupado diante dos hotéis que não construíram garagens e que estão*; notação fonológica da entoação referente ao trecho *dos hotéis*.

Como podemos observar na figura 2, o enunciado original do *corpus* controlado apresenta elevação de F0 na sílaba que antecede o limite entre a cláusula relativa e a matriz, caracterizando o tom de fronteira alto (H%), que é reforçado por uma significativa pausa não preenchida com duração de 0,52 segundos. No entanto, ao ser submetido aos 17 juízes, apenas cinquenta e nove por cento (59%) deles interpretaram essa cláusula como não-restritiva. Já o seu “par mínimo”, ou seja, a mesma cadeia sintagmática, com o mesmo contorno melódico, mas sem pausa antes do morfema *que*, foi considerado ambíguo, pois seu índice de interpretação ficou em torno de 50%.

Nesse caso, a pausa pode ter sido relevante para a interpretação não-restritiva, embora 59% não seja um índice expressivo. Prosseguimos, então, com o processo de ressíntese diminuindo a F0 em 60 Hz nos vocábulos *que* e *não*. Quando a pausa foi eliminada, a interpretação restritiva foi de 65%, e quando a pausa foi mantida, a interpretação não-restritiva foi de 88%, índice bem mais expressivo do que 59%.

Se observarmos, nas tabelas 1 e 2, os valores da F0 e, na figura 2, a curva melódica das sílabas que precedem e sucedem imediatamente a fronteira entre as referidas cláusulas, verificamos que a F0 elevada se mantém no *que* e sobe ainda mais na sílaba seguinte (*não*). Ao diminuirmos a F0 nesses mesmos pontos da cadeia, a ruptura parece tornar-se mais evidente, como demonstra a figura 3 a seguir:

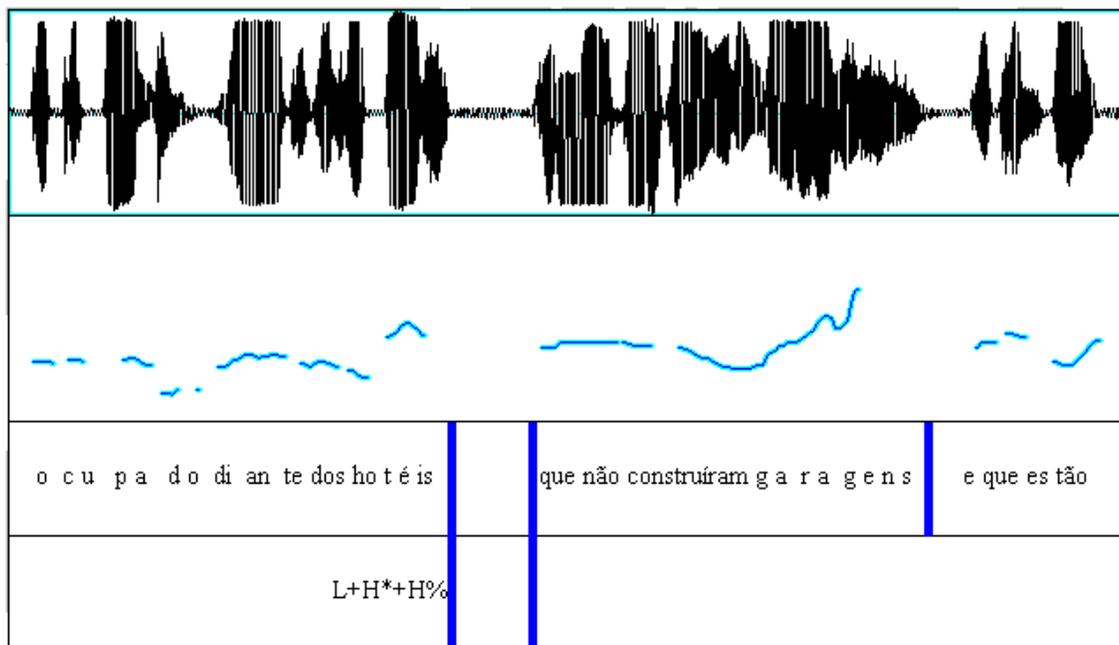


Figura 3: Oscilograma, curva melódica, transcrição grafemática da sequência *ocupado diante dos hotéis que não construíram garagens e que estão*; notação fonológica da entoação referente ao trecho *dos hotéis*.

Ao diminuirmos o valor da F0 no relativo e no advérbio, o tom alto antes da fronteira sintática (sobre a sílaba tônica do vocábulo *hotéis*) tornou-se mais saliente, o que certamente fez aumentar a percepção dos ouvintes sobre a segmentação nesse ponto da cadeia da fala. O mesmo índice de interpretação (88%) para a não-restritiva foi obtido para a variante em que a pausa foi mantida e a F0 foi diminuída na mesma proporção (60 Hz) nos vocábulos *hotéis* e *garagens*, tornando a ruptura ainda mais saliente. Esse resultado confirma nossa hipótese de que o tom de fronteira alto (H%) caracteriza a relativa não-restritiva, indicando ao ouvinte que o próximo sintagma (cláusula relativa), embora semanticamente relacionado ao anterior (SN antecedente), dos pontos de vista sintático e prosódico, é um outro constituinte e codifica uma expansão por elaboração desse SN, nos termos de Halliday (1994).

2.2. ANÁLISE DO CORPUS SEMIESPONTÂNEO

O *corpus* semiespontâneo constituiu-se de dados coletados de duas entrevistas realizadas no programa *Faixa Livre*, transmitido pela rádio Bandeirantes. Nesse programa, o apresentador/entrevistador dirige-se aos dois convidados presentes ora fazendo-lhes perguntas propriamente ditas, ora solicitando sua opinião a respeito de determinados assuntos dentro de uma temática pré-estabelecida. Só há interação entre entrevistador e entrevistado, mas não entre os dois entrevistados, por isso consideramos duas entrevistas e, conseqüentemente, dois textos, apesar de realizadas no mesmo contexto de situação.

O gênero entrevista (radiofônica), apesar de caracterizar-se por um nível maior de formalidade, de ter um tempo estipulado para acontecer e de ser transmitido para milhares de ouvintes simultaneamente, não deixa de apresentar aspectos da fala espontânea, ainda que mais monitorada. Por isso o consideramos um texto semiformal de fala semiespontânea.

Para a análise dos 66 (sessenta e seis) dados que compõem o *corpus* semiespontâneo, empregamos a mesma metodologia explicitada com relação ao *corpus* controlado, à exceção do processo de ressíntese, já que foram mantidas as modulações originais dos enunciados tendo em vista que esse *corpus* serviu à análise da produção, e não a testes de interpretação.

Os vinte minutos de gravação das duas entrevistas radiofônicas foram segmentados de acordo com a distribuição das cláusulas complexas no discurso, destacando-se e digitalizando-se as construções em que havia as cláusulas relativas finitas com as configurações já explicitadas anteriormente para a posterior análise acústica da curva melódica e das pausas.

Apresentamos a seguir alguns trechos das entrevistas radiofônicas que consideramos mais significativos tendo em vista as hipóteses levantadas para o funcionamento das cláusulas relativas no âmbito da interface entre sintaxe e prosódia.

2.2.1 RELATIVA RESTRITIVA PROTOTÍPICA

(2) L: eu acho que a diretoria tá bastante assustada com a nossa chapa que a gente tem uma chapa forte de **professores** que estão há bastante tempo na categoria temos o apoio de pessoas importantes você vai ver no próximo jornal a nossa lista de apoios é bastante grande bastante ampla e isso tá assustando a diretoria porque sabe que são professores... muito experientes politicamente academicamente né e que são pessoas que têm um reconhecimento na categoria e isso assusta... e aí isso faz contribui pra que eles tenham essa prática né tão tão desigual tão tão desonesta né...

(Souza, 2009: 188)

Os valores aferidos para a F0 e para a pausa referentes ao exemplo (2) encontram-se nas tabelas 4, 5 e 6 a seguir.

Segmentos	[πPo]	[φε]	[∪σo]	[PtΣ]	[κtΣ]	[∪τ @ω@]
Valores de F0 (Hz)	207	212	181	171	166	170

Tabela 4: Valores da F0 da sequência *professores que estão*

	FRONTEIRA SINTÁTICA
TOM DE FRONTEIRA	-
ACENTO DE TOM	H + L*

Tabela 5: Notação fonológica do vocábulo *professores*

Tipo de pausa	Fronteira
Preenchida	-
Não-preenchida	-

Tabela 6: Localização e tipo de pausa

O exemplo (2) foi tomado como prototípico porque, do ponto de vista prosódico, ele não apresenta segmentação entre a relativa e a matriz; e, do ponto de vista semântico, temos um SN antecedente com grau baixo de definição, apesar de codificar uma informação Velha no texto e Velha para o ouvinte. Apresentamos a seguir o gráfico correspondente a esse dado.

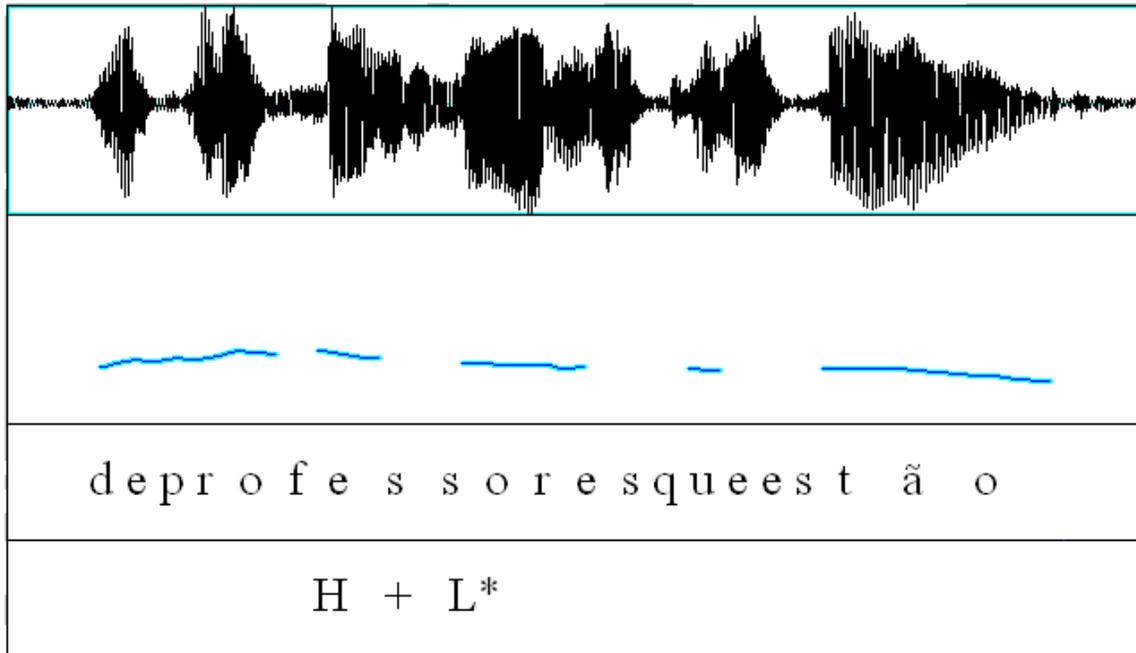


Figura 4: Oscilograma, curva melódica e transcrição grafemática da sequência *de professores que estão*; notação fonológica da entoação referente ao vocábulo *professores*.

2.2.2 RELATIVA NÃO-RESTRITIVA PROTOTÍPICA

(3) e essas manifestações correspondem a anseios de classe média e classe média sempre foi uma classe... pela sua diversidade sua falta de consciência política uma classe alienada né e e manipulada pelos meios de comunicação... repara que essas manifestações ocorreram principalmente aonde? França... onde a população votou no **Sarkosy**... que é um reacionário de marca maior... **na Espanha**... onde a repressão a movimentos separatistas é extremamente violento né no Peru onde ganhou... o Alan Garcia também um governo de centro direita...

(Souza, 2009: 192)

Os valores aferidos para a F0 e para a pausa referentes ao exemplo (3) encontram-se nas tabelas 7, 8, 9, 10, 11 e 12.

Segmentos	[σαη]	[κo]	[ʊζɪ]	[κψE]	[Y®]
Valores de F0 (Hz)	167	181	334	170	148
Duração da sílaba [ʊζɪ]			0,31		

Tabela 7: Valores da F0 e da duração da sílaba [ʊζɪ] da sequência *Sarkosy que é um*

	FRONTEIRA SINTÁTICA
TOM DE FRONTEIRA	H%
ACENTO DE TOM	L + H*

Tabela 8: Notação fonológica do vocábulo *Sarkosy*

Tipo de pausa	Fronteira
Preenchida	-
Não-preenchida	0,66 s

Tabela 9: Localização e tipo de pausa

Segmentos	[v φΣ]	[∪π Ⓜ]	[∪]	[oⓂ]	[δZφ]
Valores de F0 (Hz)	194	251	354	188	161

Tabela 10: Valores da F0 da sequência *na Espanha onde a*

	FRONTEIRA SINTÁTICA
TOM DE FRONTEIRA	H%
ACENTO DE TOM	L + H*

Tabela 11: Notação fonológica da sequência *na Espanha*

Tipo de pausa	Fronteira
Preenchida	-
Não-preenchida	0,55 s

Tabela 12: Localização e tipo de pausa

No exemplo (3), temos quatro relativas não-restritivas prototípicas, mas só apresentamos aqui, a título de ilustração, a análise prosódica de duas delas, ambas com tom de juntura alto (H%) e pausas significativas. Os dois SNs antecedentes (*o Sarkosy* e *a Espanha*) codificam informações Novas no texto e Velhas para o ouvinte e possuem grau máximo de definição – são nomes próprios, possuindo, pois, unicidade referencial.

Tanto o primeiro dado analisado (*França... onde a população votou no Sarkosy... que é um reacionário de marca maior...*) quanto o segundo (*na Espanha... onde a repressão a movimentos separatistas é extremamente violento né*) constituem sequências tipológicas descritivas, mas o trecho como um todo está a serviço da argumentação. Na realidade, embora as entrevistas jornalísticas sejam consideradas gêneros informativos (cf. Melo, 2003), as que fazem parte da nossa amostra foram classificadas como entrevistas políticas, de acordo com Charaudeau (2007), que considera essa espécie uma variante do gênero entrevista. Sendo um texto de teor político, as relativas não-restritivas auxiliam na codificação do ponto de vista do

falante, corroborando nossa hipótese de que esse tipo de cláusula está diretamente relacionado à argumentação, embora nesse gênero o falante não tenha necessidade de apagar as marcas da subjetividade. Temos a seguir o gráfico correspondente ao referido dado.

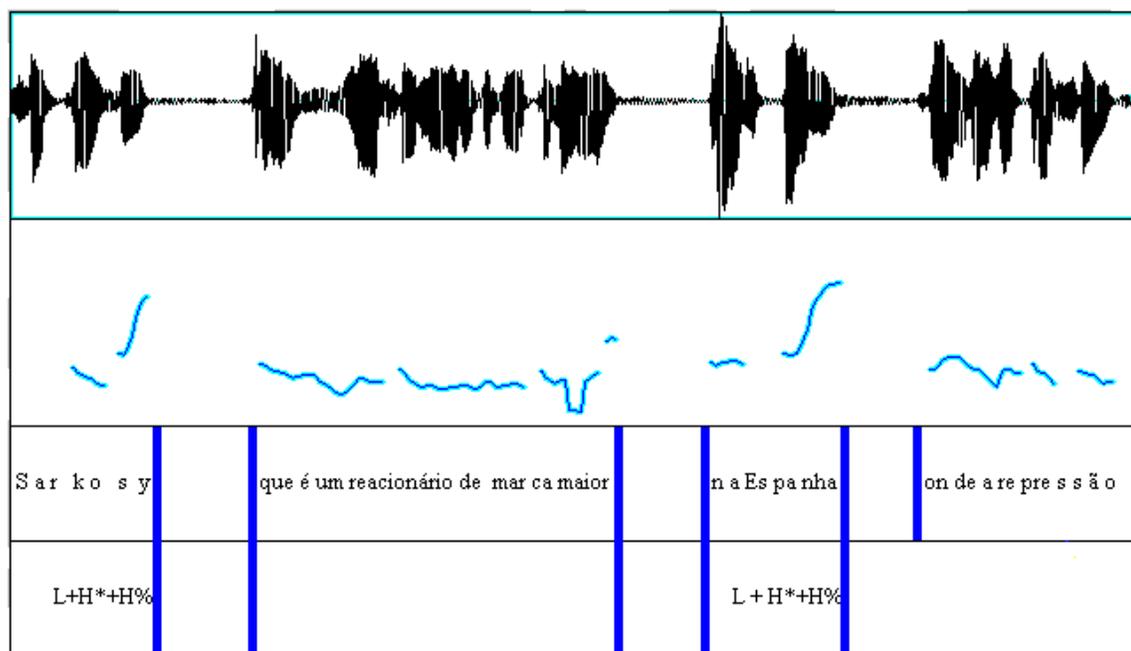


Figura 5: Oscilograma, curva melódica e transcrição grafemática da sequência *Sarkosy que é um reacionário de marca maior na Espanha onde a repressão*; notação fonológica da entoação referente aos vocábulos *Sarkosy e Espanha*.

Fica evidente a saliência fônica da sílaba que antecede a relativa não-restritiva, fato que pode ser constatado tanto pelos valores da F0 (tabelas 7 e 10) quanto pelo traçado da curva melódica (figura 5) nesse ponto da cadeia da fala em contraste com a sílaba precedente, caracterizando o tom de fronteira alto (H%), e em contraste com o vocábulo subsequente.

2.2.3 RELATIVA NÃO-RESTRITIVA SEM PAUSA

(4) L: então essa é a razão pela qual a gente escolheu **seu programa** que tá sempre atento a essas questões pra que a gente possa eh:: denunciar isso a falta de democracia nesse processo eleitoral...
(Souza, 2009: 198)

Os valores aferidos para a F0 referentes ao exemplo (4) encontram-se nas tabelas 13, 14 e 15.

Segmentos	[π Po]	[\cup γ P ®]	[μ ®]	[κ I]	[$\tau\alpha$]	[\cup σ ϵ ®]	[π PI]
Valores de F0(Hz)	172	195	235	95	173	219	192

Tabela 13: Valores da F0 da sequência *programa que tá sempre*

	FRONTEIRA SINTÁTICA
TOM DE FRONTEIRA	H%
ACENTO DE TOM	L + H*

Tabela 14: Notação fonológica do vocábulo *programa*

Tipo de pausa	Fronteira
Preenchida	-
Não-preenchida	-

Tabela 15: Localização e tipo de pausa

No exemplo (4), do ponto de vista prosódico, o que caracteriza a relativa não-restritiva é somente o tom de juntura alto (H%). Esse dado corrobora nossa hipótese de que a pausa funciona, em geral, como um índice redundante na distinção entre as relativas, e não como um traço prototípico. O SN antecedente (*seu programa*) apresenta grau alto de definição devido ao emprego do possessivo e foi considerado Velho no texto e Velho para o ouvinte. Nesse caso, a constituição do SN antecedente e seu *status* informacional no texto e contexto foram decisivos para a classificação da relativa como não-restritiva, mesmo na ausência da pausa. Vejamos, a seguir, o gráfico correspondente a esse dado.

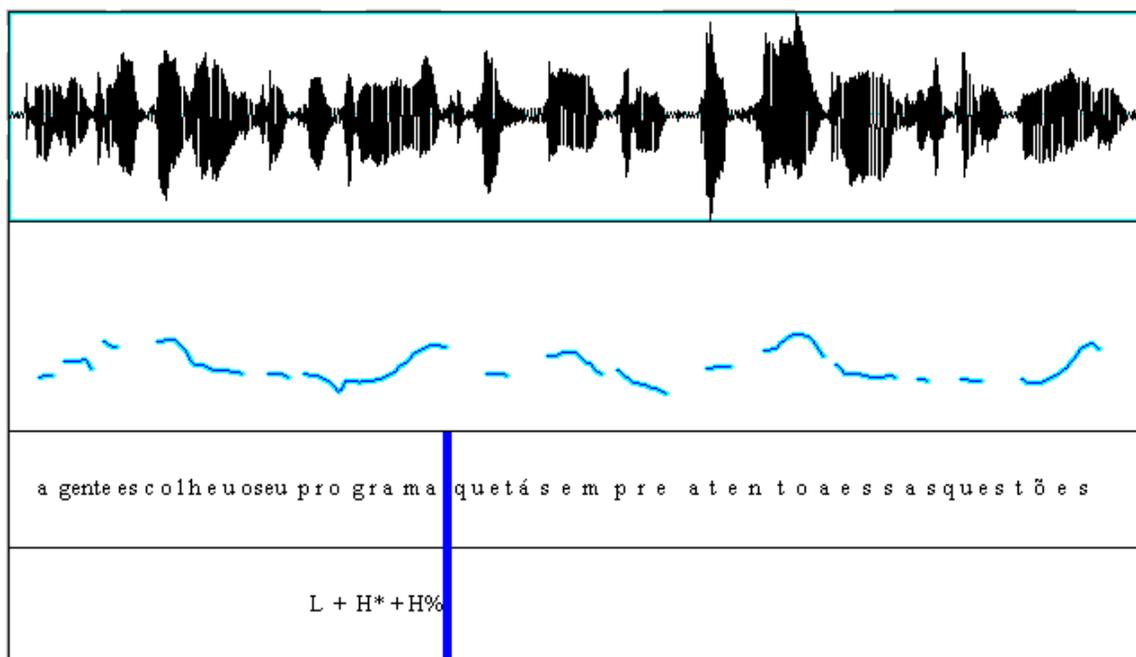


Figura 6: Oscilograma, curva melódica e transcrição grafemática da sequência *a gente escolheu o seu programa que tá sempre atento a essas questões*; notação fonológica da entoação referente ao vocábulo *programa*.

2.2.4 RELATIVA RESTRITIVA NÃO-PROTOTÍPICA

(5) L: e os/nós já chamamos a comissão eleitoral pra ver **um carrinho**... que sistematicamente sai cheio de jornal da sala da presidência do sindicato já mostramos esse carrinho pra comissão eleitoral que não quer ver que vira o rosto que diz que não pode fazer nada que a chapa dois tem que fazer um uso político das coisas que acontecem mas que ela não pode interferir... numa briga entre a chapa um e a chapa dois e fica tudo por isso mesmo...

(Souza, 2009: 200)

Os valores aferidos para a F0 e para a pausa referentes ao exemplo (5) encontram-se nas tabelas 16, 17 e 18.

Segmentos	[Y]	[κ]	[∪Ξι)]	[/Y]	[κI]
Valores de F0(Hz)	232	270	273	194	246

Tabela 16: Valores da F0 da sequência *um carrinho*

	FRONTEIRA SINTÁTICA
TOM DE FRONTEIRA	L%
ACENTO DE TOM	L + H*

Tabela 17: Notação fonológica do vocábulo *carrinho*

Tipo de pausa	Fronteira
Preenchida	-
Não-preenchida	0,33

Tabela 18: Localização e tipo de pausa

O exemplo (5) é bastante interessante porque contraria todas as expectativas sobre o comportamento prosódico das relativas restritivas. O SN *um carrinho* codifica uma informação Nova no texto e Nova para o ouvinte e apresenta um grau de definição baixo, devido à sua constituição (Art Ind + N); portanto, a relativa que o caracteriza foi classificada como restritiva. Contudo trata-se de uma restritiva não-prototípica porque entre ela e sua matriz há uma pausa significativa estabelecendo uma ruptura entre as duas cláusulas. Cabe ressaltar que, nesse dado, contamos com a interferência de outra variável: o SN antecedente (*um carrinho*) foi produzido enfaticamente, constituindo foco. Nesse caso, a sintaxe e a prosódia não se mostraram congruentes devido à atuação de um aspecto discursivo: a necessidade do falante de chamar a atenção do ouvinte para um determinado referente codificado pelo SN *um carrinho*. O gráfico a seguir materializa a análise acústica desse dado.

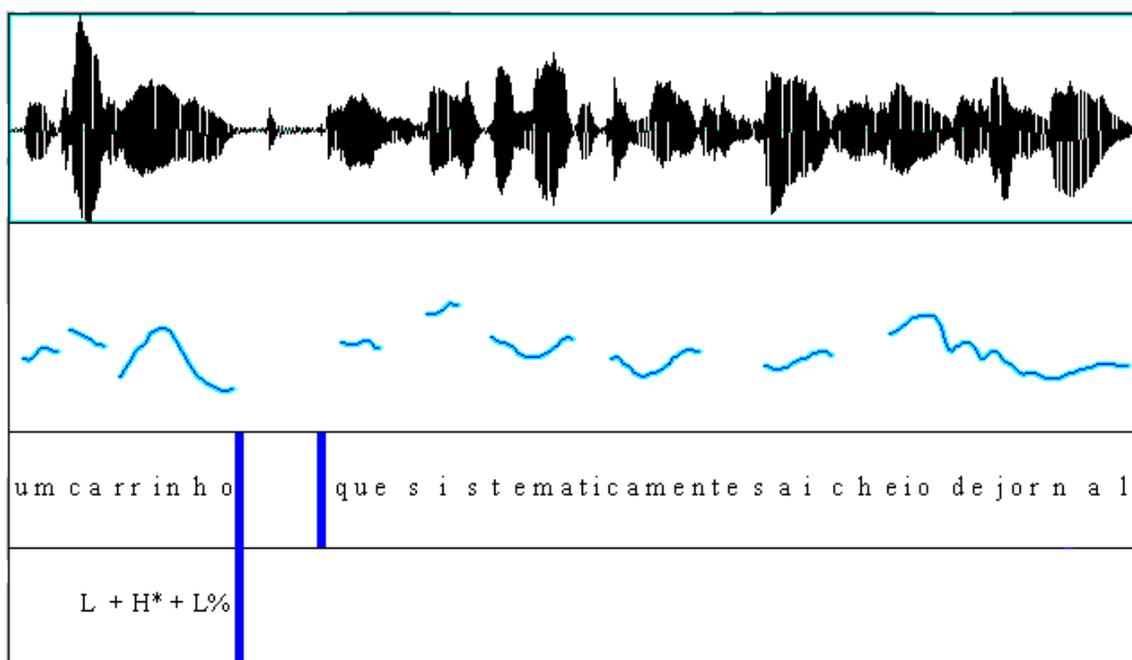


Figura 7: Oscilograma, curva melódica e transcrição grafemática da sequência *um carrinho que sistematicamente sai cheio de jornal*; notação fonológica da entoação referente ao vocábulo *carrinho*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das sessenta e seis (66) cláusulas relativas que constituem o *corpus* semiespontâneo, trinta e três (33) são não-restritivas, sendo vinte e duas (22) prototípicas, e onze (11), não-prototípicas. Pensando-se que esses dados representam cinquenta por cento (50%) do *corpus*, tal constatação contraria a literatura sobre o assunto, que costuma afirmar que as restritivas são mais frequentes que as não-restritivas. Tal comportamento nos leva a refletir sobre a inadequação desse tipo de generalização quando não se leva em conta os gêneros textuais e o domínio discursivo, ratificando, mais uma vez, um dos pressupostos da Gramática Sistêmico-Funcional – o de que o objeto da Linguística é o texto, que é uma unidade semântica, e não uma unidade gramatical, embora os significados sejam realizados por meio de sintagmas, e, sem uma teoria sobre estes (uma gramática), não é possível tornar explícita a interpretação do significado do texto.

Das trinta e três (33) construções com relativas não-restritivas, vinte e duas (22) apresentam tom ascendente (H%) na fronteira dessas cláusulas com a matriz, o que representa um índice em torno de sessenta e seis por cento (66%) dos dados desse tipo. Por isso continuamos a postular que esse é o tom de junção prototípico da relativa não-restritiva. No entanto, outras variáveis como pausa preenchida, hesitação, modalidade da cláusula (declarativa, interrogativa), arranjo sintático das relativas no texto e *status* informacional do SN antecedente podem atuar de maneira que o tom descendente, não prototípico, seja empregado. De forma semelhante, podemos até nos deparar com uma pausa entre uma restritiva e sua matriz (caracterizando um dado não prototípico), empregada em função de necessidades discursivas do falante, caso em que as variáveis sintática, semântica e informacional é que determinarão a classificação da cláusula subordinada.

Das trinta e três (33) construções com relativas não-restritivas, apenas doze (12) foram realizadas com pausa, o que representa, aproximadamente, trinta e seis por cento (36%) desses dados. Esse resultado corrobora nossa hipótese de que a pausa funciona, nessa construção, como uma espécie de reforço, mas não como a marca principal.

A complexidade inerente a análises experimentais de traços prosódicos de fala espontânea ou semiespontânea é, sem dúvida, um inibidor para a realização de estudos acústicos da língua em uso. Por outro lado, o constante avanço tecnológico, em especial da Informática, tem facilitado pesquisas de base instrumental nessa área. Destarte, não podemos prescindir dessa empreitada se quisermos, de fato, desvendar os mistérios que envolvem o funcionamento das línguas. Embora os trabalhos com *corpora* controlados sejam

imprescindíveis para as pesquisas de Fonética e Fonologia, faz-se necessário avançar na direção do exame das estruturas linguísticas para além do escopo da cláusula, ou seja, considerando os textos produzidos em seus contextos de situação e de cultura, pois é nesse âmbito que podemos investigar a interferência de variáveis textuais, discursivas e pragmáticas, a fim de viabilizar o entendimento de como funcionam, de fato, as línguas naturais. Foi nesse sentido que o presente estudo pretendeu contribuir, ainda que de forma modesta, para o avanço da Linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 31 ed. São Paulo: Nacional, 1975.
2. BISOL, Leda. Os constituintes prosódicos. In: *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2 ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1999. p. 229-241.
3. CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.
4. CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.
5. _____.; CINTRA, L. Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
6. HALLIDAY, M. A. K. Spoken language: prosodic features. In: HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and written language*. Geelong, Vic.: Deakin University Press, 1985. p. 46-60.
7. _____. *An introduction to functional grammar*. 2 ed. London: Edward Arnold, 1994.
8. LE GOFFIC, Pierre. Propositions relatives, identification et ambiguïté ou: pour en finir avec deux types de relatives. *Melange de syntaxique et sémantique*, n. 21, p. 135-145, 1979.
9. LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1988. p. 181-225.
10. LIBERATO, Yara Goulart. A estrutura interna do SN em português. In: DECAT, Maria Beatriz do Nascimento et al. *Aspectos da gramática do português – uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001. p. 41-102.
11. LLORACH, E. Alarcos. Español “que”. In: _____. *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1984. p. 260-274.
12. LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre / Rio de Janeiro: Globo, 1985.

13. MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
14. MORAES, João Antonio de. Intonational phonology Brazilian Portuguese. In: WORKSHOP ON INTONATIONAL PHONOLOGY, 2007, Saarbrucken. Abstracts of the Workshop on Intonational Phonology, 2007.
15. _____. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. In: FOURTH CONFERENCE ON SPEECH PROSODY, 2008. Campinas. Proceedings of the Speech Prosody 2008, Campinas: UNICAMP, 2008. p. 389-397.
16. _____. Do contínuo ao discreto: onde, na curva melódica, medir os valores de F0? [s/d.] Ms.
17. PRIETO, Pilar (coord.). *Teorías de la entonación*. Barcelona: Ariel, 2003.
18. PRINCE, E. The ZPG letter: subjects, definiteness, and information-status. In: MANN, William C.; THOMPSON, Sandra A. *Discourse description*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1992. p. 295-325.
19. ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 22 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
20. SOUZA, Elenice Santos de Assis Costa de. O papel da prosódia na interpretação de cláusulas relativas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 43-55, 2007.
21. _____. *A interpretação das cláusulas relativas no português do Brasil: um estudo funcional*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. 260 f.

APÊNDICE

Protocolo Experimental do Teste de Interpretação

Todos sabem que algumas frases da língua podem suscitar mais de uma interpretação. Por exemplo: Os jovens, que não gostam de ler, adoram ver televisão. / Os jovens que não gostam de ler adoram ver televisão. A primeira generaliza (nenhum jovem gosta de ler), já a segunda especifica (só alguns jovens não gostam de ler).

Você ouvirá, 24 vezes, com pequenas alterações, o trecho sublinhado da seguinte frase:

Veja-se o belíssimo calçadão desenhado por Burle Marx ocupado diante dos hotéis que não construíram garagens e que estão estragando o calçadão.

Com base na audição de cada um dos 24 trechos, escolha uma das interpretações assinalando um X na coluna correspondente.

TRECHO	Nenhum dos hotéis construiu garagem.	Alguns hotéis construíram garagens.
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
17		
18		
19		
20		
21		
22		
23		
24		

ABSTRACT: According to tradition, the explanatory relative clauses are characterized by the use of pause when speaking and the comma when writing; the restrictive ones are characterized by the absence of the marks in both situations. Assuming that the syntactic and the prosodic levels are complementary, we have investigated the role of pause and F0 when distinguishing these clauses, henceforth called non-restrictive and restrictive ones, respectively. It was evaluated, on one hand, the perception of the listeners through interpretation tests; by the other side, the production from data collected from semi-spontaneous speech. In order to accomplish the tests, a corpus controlled by an enunciation with two different possible interpretations was constituted, that, by resynthesis, originated twenty-three variants. In order to analyze the production, sixty-six data from two radio phonic interviews were collected. Through Praat program, the value of F0 and pauses on the syntactic border of main and relative clauses were gauged. Denying what most part of the literature commonly says, it was not the pause that showed to be decisive for distinction of the two types of relative clauses, but the tone. The minor grade of subordination of the non-restrictive to its main clause, which happens by hypotaxis, is manifested, in prosodic terms, by a fracture on the spoken chain configured by the border tone. The restrictive relative and its main clause create a melodic whole expressing, in prosodic terms, the major grade of syntactic bond, which occurs through embedding.

KEYWORDS: relative clauses; interface; prosody; syntax.

Recebido no dia 05 de junho de 2010.

Artigo aceito para publicação no dia 31 de julho de 2010.